

TEMPO DE INFÂNCIA E TEMPO DE ESCOLA: OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELAS CRIANÇAS À ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Gilda A. Nascimento
Denise Silva Araújo
Elias Pascoal

RESUMO

Neste artigo, apresentam-se os resultados de uma pesquisa realizada com crianças que estudam em uma escola de tempo integral, situada na cidade de Ceres, uma cidade do interior do Estado de Goiás. Objetiva-se apresentar as análises dos significados e sentidos atribuídos pelas crianças à escola de tempo integral. A pesquisa foi realizada entre agosto a dezembro de 2012. Inicialmente, apresentam-se os sujeitos que dela participaram. Em seguida, analisam-se os significados atribuídos pelas crianças à escola de tempo integral, a partir de suas falas, desenhos e fotografias. Para tanto, tomamos como referência três categorias: a tarefa, a quadra e o almoço.

Palavras Chaves: Escola de Tempo Integral. Pesquisa com crianças. Didática.

INTRODUÇÃO

A Escola de Tempo Integral no Brasil, independente do momento histórico e da concepção adotada, é alvo de críticas, sejam elas no âmbito educacional, social ou político.

Neste artigo, apresentamos uma pesquisa em que se objetivou ouvir as crianças sobre a sua vivência da escola de tempo integral e os sentidos e significados que atribuem às mudanças ocorridas em sua vida escolar, acarretadas pela ampliação da jornada escolar.

A implementação do Projeto de Escola Estadual de Tempo Integral na Rede Estadual de Educação no Estado de Goiás iniciou-se em 2006. Essa experiência conduziu-nos a propor o seguinte problema de pesquisa: quais os sentidos e significados atribuídos pela criança à escola de tempo integral? Entendemos que, nesse projeto, a criança deve ser a razão principal. Consideramos ainda, que elas sofrem as consequências das mudanças que ocorrem no contexto escolar. Esses fatores conduziram-nos a escolher a criança como sujeito da pesquisa, especificamente aquelas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Além disso, observamos que a criança, há muito tempo, faz parte da pesquisa científica, como objeto, mas raramente como sujeito, ou seja, existem várias pesquisas sobre crianças, mas poucas com crianças.

A pesquisa foi orientada pelo Método Materialista Histórico Dialético, que segundo Triviños (2006), foi elaborado baseado na dialética hegeliana, no entanto, rejeita o idealismo nela contido e apoia-se no materialismo como fundamento para a análise do mundo e da história.

Acredita-se que apreender os significados que as crianças atribuem às mudanças ocorridas em sua vida escolar, acarretadas pela ampliação da jornada escolar pode contribuir para compreender melhor esta política em sua complexidade.

Este texto faz uma breve apresentação sobre os sujeitos da pesquisa e a técnica utilizada para a pesquisa. Em seguida a análise das falas das crianças a partir das categorias: a tarefa, a quadra e o almoço. Por fim apresentamos as considerações finais sobre a escola de tempo integral, a partir da pesquisa realizada.

1. SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com 10 crianças, sendo cinco do 1º ano e cinco do 5º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente convidamos as turmas destes alunos para participarem da pesquisa, encaminhamos o convite e o termo de consentimento para os seus pais. O critério para a escolha das turmas foi uma que estava ingressando e a outra que estava terminando os anos iniciais do Ensino Fundamental.

A seleção dos sujeitos aconteceu mediante a autorização por escrito dos pais ou responsáveis para que seus filhos participassem da pesquisa. Desta forma, chegamos a essa amostra, que coincidentemente foi a mesma quantidade de sujeitos nas duas turmas.

Para a coleta dos dados relacionados à roda de conversa, realizamos quatro momentos utilizando as técnicas de fotografias, onde os próprios alunos fizeram as fotos da escola e das atividades vivenciadas por eles e desenhos para representarem suas famílias, o espaço escolar e as atividades realizadas na escola.

Os alunos que participaram da investigação são aqui denominados como: Aluno 1, Aluno 2, Aluna 3, Aluna 4 e Aluna 5, do 1º ano, e Aluna 6, Aluno 7, Aluno 8, Aluna 9 e Aluna 10, do 5º ano. Desta forma, pretendemos resguardar o anonimato das crianças.

A utilização da técnica de desenhos ajudou-nos a motivá-los a descrever sua família e em seguida observamos os desenhos realizados por eles, em que podemos relacionar as suas falas para a contextualização de suas famílias. As fotos foram importantes para iniciarmos o diálogo sobre a escola e os seus espaços.

2 A ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL INVESTIGADA: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS

As relações entre o tempo, espaço e currículo são intrínsecas. Desta forma, encontramos dificuldades em analisá-las separadamente. No entanto, ao transcrevermos suas falas e realizarmos uma leitura cuidadosa desta transcrição, decidimos realizar a análise a partir das categorias: a tarefa, a quadra e o almoço. A escolha dessas categorias é justificada devido à frequência com que apareceram na fala das crianças e à centralidade destes elementos no cotidiano da escola.

2.1 A Tarefa

Com os desenhos em mãos, pedimos para as crianças falarem das atividades desenvolvidas na escola e sobre o que pensam e sentem com relação a elas. Nos momentos de conversa com as crianças elas agiam de forma muito natural, não se constrangiam com as perguntas e nem ao fato de estarem sendo filmadas. Com essa técnica, percebemos que os alunos gostam de estar na escola, do lanche e das brincadeiras.

As falas dos alunos nos permitem apreender os significados que eles atribuem às atividades realizadas na escola e ao espaço escolar utilizado por eles. Esses significados estão relacionados ao que gostam e o que não gostam de fazer na escola. As Alunas 9 e 10, por exemplo, afirmam que:

O dia pior da semana é a segunda-feira. A sexta é o melhor dia, porque a gente não faz muita tarefa. Na segunda-feira, a gente faz muita tarefa. É o pior dia (Aluna 9).

Sexta-feira é o melhor dia, que a gente vem para a quadra, a gente estuda artes, educação física. É muito bom. Só que hoje [segunda] é o pior dia, a gente tem que ralar (Aluna 10).

Nessas falas, entendemos que as alunas distinguem os dias melhores da semana, a partir das atividades que realizam e dos espaços que frequentam no tempo que estão na escola. Esse tipo de distinção foi comum encontrarmos em suas falas. Desta forma identificamos a relação que fazem entre fazer tarefa e ao brincar, em estar na sala de aula e nos espaços em que eles interagem, seja para o lanche e o almoço, as brincadeiras ou nos momentos do recreio.

Nestes aspectos, percebemos a fragmentação existente entre as ações desenvolvidas no espaço escolar, que conduzem os alunos a preferirem as atividades que estão relacionadas às brincadeiras e desprezando as que estão relacionadas às tarefas de conteúdos escolares.

Pudemos constatar que, para as crianças, tanto as do 1º quanto as do 5º ano, a sala de aula é o lugar da tarefa, de copiar, enfim é o lugar de aprender. Percebemos, ainda, em suas falas, que elas relacionam o ato de fazer tarefa à aprendizagem. Quanto mais tarefas fazem, mais vão aprender e ficar inteligentes. No entanto, esse não é um lugar mais agradável para eles. Nesses aspectos, registramos as seguintes falas:

Graças a Deus que eu não estou lá na sala para fazer tarefa (Aluna 5).

É muito né (Aluno 2).

Tomara que hora que eu chegar lá está na hora do lanche (Aluna 5).

Muita tarefa. E tarefa é tudo chata (Aluna 10).

No período da manhã, onde vocês ficam? (Pesquisadora)

Na sala (Todos os alunos do 5º ano).

Desta forma, a sala de aula, além de ser o lugar da tarefa, é o espaço de aprender e de obedecer. A sala de aula apresenta ainda, algumas das características do atendimento em massa da população em idade escolar: formalizado, homogêneo e tendo a frente o professor considerado como autoridade na sala de aula.

Quando perguntamos sobre o que fazem na sala de aula, a Aluna 3 responde: “Na sala de aula, nós aprendemos a ler, aprendemos a escrever e aprendemos a fazer as coisas boas.” O Aluno 2 completa: “Aprende. Aprende a obedecer a mãe [...] os pais”. Aluna 4 também participa: “A obedecer a professora”.

Esse aspecto conduz-nos a relação que é estabelecida entre os ideais da burguesia para a criação da escola pública e a preparação para as necessidades do mercado de trabalho, que, em parte, ainda vigoram. Esse espaço não é o lugar da brincadeira, da expressão. É o lugar da tarefa e da cópia. Além disso, as condições físicas desse espaço não são muito atrativas, como constatamos em nossa observação e nas fotografias. Nesses aspectos, consideramos ainda, que existem as condições que são impostas para que um professor consiga manter a sua sala em “ordem”.

Conforme expressam os sujeitos de nossa pesquisa, percebe-se que, o período matutino, tem “muita tarefa” e, no vespertino, ocorrem mais brincadeiras e outras atividades lúdicas, que, na sua maioria, são realizadas na quadra de esportes. Percebemos que esta segmentação do currículo em momentos estanques dificulta a articulação entre o currículo básico e a ampliação da aprendizagem. Por outro lado, de acordo com as falas das crianças, quando os alunos estão em sala de aula, eles continuam com atividades relativas a copiar, nas

mesmas salas que estavam pela manhã, e em alguns casos com os mesmos professores. O conteúdo que deveria ser trabalhado de forma diferente, para propiciar uma maior aprendizagem, é desenvolvido da mesma maneira mecânica e repetitiva, que ocorre no matutino.

2.2 A Quadra

Ao relacionarmos as falas dos alunos a essa categoria buscamos as atividades que os alunos desenvolvem fora do espaço da sala de aula. O sentido que as crianças atribuem a esses espaços é o da interação, da brincadeira e da recreação. Para Wajskop (1995, p. 97):

Como atividade dominante na infância, tendo as condições concretas da vida das crianças, a brincadeira pode ser uma das formas pelas quais estas começam a aprender. Pode ser, também, o espaço privilegiado onde tem início a formação de seus processos de imaginação ativa e onde elas se apropriam das funções e das normas de comportamentos sociais.

Desta forma, apreendemos o sentido da brincadeira na utilização da quadra, do laboratório de informática e da biblioteca. Tanto em casa, como na escola, a brincadeira foi a atividade apontada como a mais preferida entre as crianças do primeiro e do quinto ano. As brincadeiras exercem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, consistem em uma forma privilegiada de interação entre elas e também com os adultos que estão a sua volta. Esses momentos propiciam a constituição da criança e incentivam a sua participação social (PINTO, 2003).

A quadra de esporte é o um lugar muito apreciado pelos alunos. Para o Aluno 1 é o lugar que mais gosta, justifica que é “por causa que a gente brinca.” O Aluno 8 disse que todos os dias eles vão para a quadra, no período da tarde, eles jogam bola e brincam. Em nossas análises, constatamos que a escola é o espaço das brincadeiras e da interação.

Nesta categoria, evidenciamos também a biblioteca, que aparece também como o lugar da leitura e de ver filme, alguns gostam e outros não. A biblioteca é o lugar privilegiado para a leitura, que dispõe de livros, revistas e jornais. É o espaço que pode proporcionar aos alunos condições de escolher livros que mais lhes agradem para realizar a leitura. No entanto, evidenciamos que a biblioteca da escola pesquisada devido à falta de espaço físico, detém, ainda, outra atribuição. Em suas falas as crianças atribuem sentidos bem diversos a este ambiente, como se vê:

O que você mais gosta aqui na escola? (pesquisadora)

É da biblioteca [...] Por que lá tem televisão (Aluna 4).

Eu não gosto daqui da biblioteca [...] eu gosto de ficar na quadra e bem ali. [...] É porque tem um monte de livro pra gente ler de tarde, né. [...] Tem que ler, explicar, assisti e depois desenhar (Aluno 2).

Aí tem que ler esses livros todos (Aluno 1).

Eu só gosto da quadra, da biblioteca eu não gosto (Aluna 3).

É o lugar mais ruim (Aluna 5).

Na biblioteca, os alunos veem filmes também. Os alunos do 5º ano reclamaram que eles têm que ver filme “de moranguinho”, pois os alunos menores não podem ver filme de ação e aventuras. Por meio dessa fala entendemos que não há separação entre os alunos e turmas para a realização dessa atividade. Sobre esse momento relatam:

Na segunda [feira] a gente fica na biblioteca que é chato também (Aluna 9).

O que vocês fazem lá? (Pesquisadora)

Assiste filme chato (Aluna 9).

Os filmes que as professoras passam é tudo ruim *pra* gente, a gente não pode assistir filme de ação porque tem o 1º ano e 2º ano. A gente tem que assistir filme de moranguinho essas coisas (Aluna 10).

Os que disseram gostar da biblioteca foram a Aluna 4, o Aluno 8 e a Aluna 9. A Aluna 9 e o Aluno 8 demonstram gostar da leitura, destacaram os livros da biblioteca. Aluna 4 gosta da biblioteca, pois lá tem televisão e eles assistem filmes. Para Aluna 5 “é o lugar mais ruim”.

A leitura é um caminho para a construção da autonomia do ser humano. Para Vale e Fernandes (2010, p.6) “o domínio da língua oral e escrita é de suma importância para a participação social e afetiva, é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz conhecimentos”.

Ao serem indagados quanto às aulas de teatro e dança, previstas na matriz curricular, os alunos explicaram que não têm aula de teatro, apenas de dança. Sobre as aulas de teatro, registramos as seguintes falas na roda de conversa:

Que horas vocês têm aula de teatro?(pesquisadora)

De tarde. Mas não tem aqui (Aluno 2).

Não tem teatro (Aluna 10).

A gente não tem teatro (Aluna 9).

Na fala do Aluno 2, percebemos uma contradição, pois no horário escolar estão previstas aulas de teatro à tarde, mas os alunos afirmaram que não acontecem essas aulas. Quanto à dança, a Aluna 9 disse:

Tem vezes que a professora Y não vem e ela coloca a professora Z no lugar dela e aí ela fica sentada lá vendo a gente, fica quietinha. E a gente não faz nada quando ela vem. A gente fica só sentada. E depois, ela não quer dar aula pra nós.

Pelo que explicaram a professora Z é professora substituta e vem esporadicamente. Ainda com relação às aulas de dança, a Aluna 10 afirma:

[...] na aula de dança a gente copia, copia o que não tem nada a ver com a aula.

Nessas falas percebemos a visão crítica das crianças diante do sistema escolar. A criança é capaz de perceber os meandros que fazem parte do cotidiano da escola: a falta do professor, o componente curricular que não acontece de fato, a padronização do ensino nas formas do livro didático e de copiar aleatoriamente do quadro como forma de preencher o tempo.

Além dessas falas, observamos que a escola não dispõe de lugar próprio para a realização dessas aulas. Ao mesmo tempo percebemos que existe a valorização para as disciplinas que fazem parte do núcleo comum.

Diante desses aspectos, concordamos com Limonta (2012, p. 2) que em seus estudos sobre as Escolas de Tempo Integral constata que:

Estamos com dificuldades para planejar a organização e a articulação da estrutura do currículo com estes novos conhecimentos e atividades. O que se observa é a ocupação do tempo escolar que foi ampliado com demandas que muitas vezes não se articulam com os objetivos e conteúdos de aprendizagem e desenvolvimento e acabam por se tornar vazias de significado e sentido tanto para os alunos quanto para os educadores.

O laboratório de informática foi destaque comum dos ambientes que eles mais têm preferência. No entanto, pela fala dos alunos, pudemos perceber que a maioria dos equipamentos estão estragados e, portanto, eles não o estavam utilizando na época em que foi realizada a pesquisa. Esta situação no laboratório de informática traz desconforto para a escola. Os alunos consideram que a escola tem laboratório, no entanto não tem. Nessa situação, as tecnologias educacionais, que podem possibilitar metodologias mais atrativas para a aprendizagem, estão fechadas em uma sala, indisponível para os alunos.

Em suas falas, foi possível perceber que os alunos do 1º ano sentem a falta de espaços e de brincadeiras

Um pé de goiaba [...] pé de caju (Aluno 1).

Pé de acerola [...] um balanço (Aluna 4).

Um escorregador (Aluno 2).

Desta forma entendemos que essas crianças querem uma escola mais colorida, mais arborizada, que esteja mais próxima de sua infância.

2.3 O Almoço

O momento destinado ao almoço é o tempo que eles têm para comer, brincar e descansar das atividades escolares e realizar os cuidados essenciais para a sua higienização. Quanto a esse último aspecto, nada foi percebido em suas falas. No entanto, reconhecemos o quanto importante é esse momento na escola, visto que é um local em que as crianças passam um período muito longo. Elas precisam, portanto, de se alimentar, exercitar e descansar. Estas atividades concentram-se no período vespertino, vez que suas atividades pela manhã estão centradas na sala de aula.

Na rotina escolar, quando se aproxima o momento do almoço, os alunos saem em fila em direção à cantina e ao refeitório que foi improvisado em uma parte do pátio. O Aluno 2, olhando para a foto do refeitório, destacou que gosta daquele lugar, justificando que é ali que eles almoçam. Os sujeitos da pesquisa destacaram que gostam das refeições que fazem na escola, contando como é o cardápio e como fazem para servir o almoço e o lanche.

Durante o dia são servidas três refeições: o lanche pela manhã, o almoço e o lanche antes de irem para casa. Quando perguntamos aos alunos como é a comida na escola, o Aluno 7 (sete) descreveu o cardápio daquele dia: salada, feijão, carne moída e arroz.

No intervalo, após o almoço, os espaços que eles têm são a quadra de esportes, a biblioteca e o laboratório de informática (quando funcionava). Nesse período, parte dos alunos vai para a quadra e a outra fica na biblioteca. Existem professoras responsáveis para acompanhá-los nesse período. Diante disso, entendemos o sentido que eles atribuem a esses espaços como lugar da diversão, de descanso da sala de aula.

Diante desses aspectos a concepção de educação integral, como formação do homem por completo em todos os seus aspectos, não se concretiza, é utilizada apenas como jargão, pois, não é possível a sua concretização a partir da realidade que ora analisamos.

As questões aqui discutidas estão permeadas pela universalização da educação básica, a função da escola e a luta pela qualidade da escola pública. Para nós, a função da escola não está somente na aquisição dos conhecimentos cientificamente elaborados, defendemos que essa é sua função primordial.

Quando perguntamos aos alunos para que serve a escola, as respostas giraram em torno do aprender, da escola preparatória e da socialização. Eis algumas respostas:

Para a gente aprender [...] a ler e escrever (Aluna 4).

Para a gente aprender a estudar (Aluna 9).

Jogar bola, computador [...] passa para outra sala, do 2º ano (Aluno 2).

Para gente aprender a ler, estudar e aprender muitas coisas. Para a gente ser alguma pessoa na vida (Aluna 7).

Para gente conhecer amigos novos, porque na escola a gente não precisa só de aprender, né tia. Conhecer pessoas. [...] Tipo assim tia, porque se a gente viesse para a escola só para aprender, então a gente podia ter professor de aula particular (Aluna 10).

Para elas, a aprendizagem da leitura e da escrita se faz necessária para ficar inteligente, para passar para a série seguinte. Ela é vista como uma forma de garantir colocação de trabalho no futuro, como diz o Aluno 8:

Acho que a escola existe, porque quando for para o seu próprio trabalho, a gente já sabe, por exemplo, o trabalho de indústria que precisa somar alguma coisa a gente já sabe matemática, essas coisas (Aluno 8).

Para Arroyo (1988, p. 7)

A escola de tempo integral, ou o alargamento do tempo na escola tem-se tornado um dos mecanismos da lógica mercantil de ajustamento ao mercado de trabalho. As regras do jogo mercantil têm pressionado para que a escola seja demandada por todos aqueles (a maioria da população) que são obrigados vender sua força de trabalho.

O autor supracitado enfatiza que a força educativa não está nas verdades transmitidas, mas nas relações sociais em que é produzido o processo educativo. Para o autor,

não se amplia o tempo para poder ensinar e aprender mais e melhor, mas para poder experimentar relações e situações mais abrangentes: alimentar-se, assear-se, brincar, relacionar-se na força educativa de experimentar, vivenciar uma ordem, uma organização social o mais total possível (ARROYO, 1988, p. 4).

No entanto, há algumas respostas que direcionam a escola como espaço de interação com os colegas, para o conhecimento de novos amigos, brincadeiras, aprendizagem que não estão previstas no currículo como, por exemplo, a capoeira.

Quando eu vim aqui para a escola, a primeira pessoa que eu conheci foi a Laís, ela me mostrou onde era a sala (Aluna 9).

Em nossa pesquisa foi possível perceber as contradições entre qualidade e quantidade em relação ao tempo escolar, entre aspectos pedagógicos e socioculturais e entre a escola assentada nas missões sociais e a escola do conhecimento (LIBÂNEO, 2012).

Para Dalben (2011) na lógica da sociedade neoliberal e no princípio do dom e mérito a qualidade significa aprendizagem de conteúdos escolares específicos, com isso passamos a conviver com os mecanismos reguladores da qualidade da educação. A autora alerta para o equívoco que gerou a respeito da escola do acolhimento e da socialização, que situaram a ideia de que esse tipo de escola não se preocuparia em transmitir os conteúdos escolares, tendo em vista a eliminação dos processos de reprovação.

No decorrer de nossas análises, foi possível perceber a dualidade entre a escola do acolhimento e a do conhecimento. Diante das falas das crianças e da observação percebemos uma escola de tempo integral que está organizada para oferecer o mínimo de conhecimento necessário para a sobrevivência no mundo globalizado.

No entanto, não a consideramos como do acolhimento, pois as condições físicas e os ambientes de interação não permitem essa afirmativa. Porém, os alunos gostam da escola, somente a Aluna 10 disse que se sente cansada. Os demais afirmaram que gostam de estar o tempo integral na escola. Para os sujeitos da pesquisa, o lanche, o recreio, as brincadeiras e a interação com os colegas é fator determinante para gostar da escola, para esta ser boa. Isto evidencia que a escola não consegue desenvolver no aluno o prazer de aprender os conteúdos escolares e que os momentos de socialização são os que eles mais gostam.

Nesse contexto, somos direcionados a pensar as condições de vida e de subsistência em que está inserida a família dessas crianças na atual conjuntura econômica e social. Então, inferimos que a escola, apesar de sua estrutura deficitária, é o lugar que a criança ainda se sente acolhida, protegida e com a possibilidade de ascensão da vida profissional, como disse a Aluna 7 “para a gente ser alguma pessoa na vida”. Ao mesmo tempo, percebemos características da escola redentora defendida pelos escolanovistas, ideologicamente capaz de equalizar as desigualdades sociais e oferecer um currículo carregado de expectativas de ser

uma escola que ofereça uma educação integral, como supostamente propõe o projeto da EETI na Rede Estadual de Ensino de Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a pesquisa com as crianças percebemos que é importante ouvir a sua voz, no entanto, constatamos, em alguns momentos, a sua voz polifônica, que reflete as ideias de outros, tais como, pais, professores.

A escola tem a tarefa de promover o desenvolvimento integral das crianças, no entanto, a instituição pesquisada adota um currículo completamente fragmentado, que não contribui para esse desenvolvimento integral. As condições observadas comprometem a aprendizagem. Nesta pesquisa, detectamos duas crianças, entre os sujeitos que estão no 5º ano, com muitas dificuldades na leitura e escrita.

Nesse contexto, como proposta da nossa pesquisa, analisamos o Projeto de Escola Estadual de Tempo Integral no Estado de Goiás e constatamos que a extensão do tempo na escola apresenta-se como uma proposta de escola redentora da sociedade, característica dos ideais liberais e assumidos pelo neoliberalismo. É o predomínio da ideia que a escola tudo pode providenciar para seus alunos e famílias. Entendemos que isso não é possível, que a escola é uma instituição limitada, cuja função é dar condições para que o aluno se aproprie de conhecimentos que o ajudarão a constituir-se como pessoa na sociedade.

A universalização e as condições de igualdade de acesso à escola pública foram resultados de lutas e conquistas progressivas. No entanto, a qualidade e a permanência do aluno com sucesso na escola são requisitos que desafiam a atual realidade educacional. Para Limonta e Santos (2013), desde a LDB de 1996, as novas necessidades educativas avaliadas pelas provas institucionais visam à modernização da educação brasileira. Consideramos, então que a proposta pedagógica, a infraestrutura, o trabalho docente e a articulação do currículo poderão fazer diferença nesse sentido.

As falas das crianças demonstram que se sentem acolhidas no ambiente escolar apesar da escola não apresentar a estrutura necessária para isso, conduzindo-nos a inferir a respeito das condições de vida que elas têm em casa e nos seus bairros, a qualidade de vida que lhes são proporcionadas, uma vez que os sujeitos desta pesquisa são crianças pertencentes às camadas populares. Nesse aspecto, a escola é o espaço em que elas dispõem para brincar, interagir e estudar.

Em nossas análises, percebemos que as crianças gostam da escola e do que é proporcionado por meio dela: as amizades, as brincadeiras, a alimentação. No que se referem

à aprendizagem dos “conteúdos escolares”, as tarefas e cópias se destacaram em suas falas. Eles reclamam de sua quantidade excessiva, mas, ao mesmo tempo, demonstram entender que isso ocorre para que eles possam aprender mais. Desta forma, a tarefa, para os sujeitos da pesquisa, tem o sentido do aprender, não de forma lúdica, mas repetitiva e mecânica.

Nesses aspectos a escola de tempo integral, para as crianças, é o lugar da tarefa e da cópia, mas também da brincadeira, de alimentar-se, de encontrar-se com os colegas e estabelecer a amizade entre eles. Sendo assim, consideramos que, para eles, a escola cumpre em parte a sua função social, no entanto, necessita de metodologias e propostas pedagógicas que integrem os conhecimentos e as formas em adquiri-los.

As crianças, sujeitos da pesquisa, atribuem à quadra o sentido do lugar da brincadeira, da recreação e da interação com os colegas. É nesse lugar que se sentem livres para brincar a vontade, sem regras. Entendemos o quanto as brincadeiras são essenciais para a constituição do ser humano, especialmente para os alunos que ingressam no Ensino Fundamental.

A biblioteca não é explorada em sua função principal que é o espaço da leitura, de contar histórias, de trabalhar com a imaginação da criança para que ela possa desenvolver o gosto e o interesse pela leitura. Entendemos que esses espaços são imprescindíveis no ambiente escolar, no entanto, não basta tê-los. Faz-se necessária a apropriação desses espaços para a aprendizagem do aluno.

A integração do currículo da Base Nacional Comum com as oficinas realizadas no período da tarde pode ser um grande diferencial para as EETI. Isso proporcionaria a dimensão de uma mesma escola, e não a dualidade que os próprios alunos distinguem em suas falas. Poderia haver um enriquecimento do currículo, atividades culturais e conhecimentos sobre a realidade que fazem parte dessas crianças.

Acreditamos nessa possibilidade e no papel que a escola exerce sobre a formação das pessoas. A Escola de Tempo Integral é uma realidade, no entanto, os estudos apontam para as suas fragilidades e para a dificuldade de torná-la uma escola que ofereça realmente uma educação integral.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. O direito ao tempo de escola. *Caderno de Pesquisas* (65), Maio de 1988.

BRASIL. Orientações Gerais Secretaria de Educação Básica. 2001. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf. Acesso em: 03 jan. 2013.

_____. Lei 11274 de 6 de fevereiro de 2006. *Ensino Fundamental de 9 anos*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm. Acesso em 20/05/2013.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. Escolas para o conhecimento e aprendizagens ou escola para o acolhimento: São compatíveis? In: LIBÂNEO, José Carlos. SUANNO Marilza Vanessa Rosa (Orgs.). *Didática e escola em uma sociedade complexa*. Goiânia: CEPED, 2011.

LIBÂNEO José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2006a.

LIMONTA, Sandra Valéria. *Escola de tempo integral: desafios políticos, curriculares e pedagógicos*. In: Seminário Final do Curso de Especialização em Educação Integral e Integrada, 2012, Goiânia. *Experiências em Educação Integral no Estado de Goiás: primeiras ideias*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2012.

LIMONTA, Sandra Valéria; SANTOS, Livia de Souza Lima. Educação integral e escola de tempo integral: Currículo, conhecimento e ensino. In: LIMONTA, Sandra Valéria. et. al. (Organizadores). *Educação integral e Escola Pública de Tempo Integral*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

PINTO, Maria Raquel Barreto. *A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança*. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Educação UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../192325.pdf?>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

WAJSKOP, Gisela. O brincar na educação infantil. *Cad. Pesq.* São Paulo, n. 92, p. 62-69, fev. 1995. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

VALE, Adriana Carla Oliveira; FERNANDES, Maria da Piedade Pereira. *Biblioteca Escolar: espaço de leitura e aprendizagem. 2010*. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufrn.br/6sel/anais/public/papers/gt8-01.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.